

SIMPÓSIO TEMÁTICO 11: HISTÓRIA, MARXISMO E POLÍTICA.
ENTRE AS LUZES E AS SOMBRAS: A TEATRALIZAÇÃO DO PODER NOS
DISCURSOS DO GOVERNADOR ERNANI SÁTYRO NA PARAÍBA (1971-1975)

Valber Nunes da Silva Mendes*¹

RESUMO: Este artigo tem como proposta discutir a atuação política de Ernani Sátyro, enquanto governador da Paraíba entre 1971 a 1975, a partir da análise do livro “Tradição e Renovação”, que reúne vários discursos do referido governador. Para este momento, será dada ênfase aos discursos que demarquem o lugar político de Ernani Sátyro na conjuntura da Ditadura Empresarial-Militar neste período que abre a década de 1970, em que se percebe por um lado, o esforço de criar espaços de legitimidade com investimentos que propalavam o “fazer”, as obras, as construções e realizações; e por outro lado, demarcava um período de forte acirramento repressivo potencializado pela vigência do Ato Institucional nº5. Por isso, a reflexão central se concentrará em torno dos discursos enunciados por Ernani Sátyro, pensados aqui como uma forma de teatralização do poder.

Palavras-chave: Ernani Sátyro - Ditadura Empresarial-Militar - Teatralização do Poder.

O que está no horizonte de produção deste artigo é a problematização em torno dos discursos enunciados por Ernani Sátyro, enquanto governador da Paraíba, entre os anos de 1971 a 1975. Ao mesmo tempo, este trabalho contém a pretensão de ampliar uma pesquisa que já estava em curso² e que, atualmente, aventa novas possibilidades de problematização. Tomo como ponto de partida os discursos reunidos no livro “Tradição e Renovação”, que foi organizado Flávio Sátiro Fernandes e lançado em 1994 pela Fundação Ernani Sátyro. O que se descortina para entrar em cena é a atuação política de Ernani Sátyro, buscando capturar nas filigranas das palavras os sentidos da teatralização do poder que estabelecia estreitos vínculos com poder dominante da Ditadura Empresarial-Militar em voga no Brasil na década de 1970.

Por isso, adentro nos discursos pronunciados em três ocasiões singulares: 1º) “nas comemorações do 10º aniversário da Revolução de março de 1964”; 2º) solenidade de inauguração da Escola Presidente Médici; 3º) “homenagem prestada [à Ernani Sátyro] pelas classes produtoras da Paraíba”. Deste modo, percebo como estes discursos escolhidos compõem um tripé: ênfase no “fazer”; vínculos com a classe dominante da Ditadura

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), tendo vínculo de financiamento à pesquisa com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Esta pesquisa vem sendo desenvolvida desde o ano de 2015. Resultou na elaboração do trabalho monográfico de conclusão de curso para a licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (2016), que teve como título: “Festa, alegria e futebol: O governo Ernani Sátyro e a construção dos estádios “O Amigão” e “O Almeidão” (1975).

Empresarial-Militar e demonstrações/demarcações de poder. Em outras palavras, esse tripé é um ponto de partida que ajuda a compreender o movimento maior da atuação de Ernani Sátyro, que em síntese, foi baseado na apologia das realizações e dos feitos, assim como na articulação com a Ditadura Empresarial Militar demarcando o arremetimento das forças de coerção.

A POLÍTICA COMO UM TERRITÓRIO ENTRECORTADO PELAS PALAVRAS

Dentre os vários elementos que compõem a política, sem dúvidas, um dos aspectos mais influentes é a palavra. Ao passo que o político está em cena, maneja até as sílabas para construir um efeito de persuasão, de convencimento. Quando se está com o direito à palavra, a retórica produz o eco que transmite a mensagem para chegar aos ouvintes. Por isso, é preciso articular o que vai ser enunciado para construir espaços de legitimidade. Assim a política também é feita por um tecido de discursos que são ditos em momentos oportunos, selecionados. É um jogo com a plateia, no qual não se pode titubear e escorregar com o que vai ser dito.

Trata-se de uma reflexão que não é recente: quando recuamos no tempo e voltamos para o exercício da política na Grécia Antiga, a grande intriga do filósofo Platão era travada com os sofistas. Àquele acusava estes de desvirtuar a política, uma vez que “o poeta tem sobre a alma do Homem uma influência ruim, pois desperta, alimenta, robustece nele as forças piores, matando em contrapartida, o espírito pensante” (JAEGER, 2003, 986). Assim, na construção do Estado Ideal, Platão aniquila os sofistas e os poetas imitativos, na medida em que o poder da retórica utilizada estaria à serviço da manipulação da realidade. Neste sentido, “a palavra tem então uma desmedida interna que só é reduzida pelo efeito, a persuasão que causa [...] o próprio da palavra eficaz portanto, é levar à passividade do que diante dela se encanta. A quem engana a palavra não é falsa” (LIMA, 2003, p.59).

Indo um pouco mais adiante nesta querela política entre sofistas e filósofos, a acusação que recai sobre a retórica é considerada como uma “técnica de poder” (ROGUE, 2005, p.29) em que se construiria na oralidade um discurso de aparência com a capacidade de distorcer o verdadeiro conhecimento, e por tabela, a verdade das coisas.

Este é um debate que me interessa no percurso desta análise tendo em vista que percebo como a política, desde a antiguidade, é entrecortada pelas palavras. Ao mesmo

tempo, como gravita em torno dos enunciados uma série de conflitos, de interesses e de manipulações. As inquietações de Platão em relação aos sofistas, dada pela forma como eles produziam nas plateias efeitos de persuasão, de passividade, e encantamento a partir do dispositivo de poder, a saber, o uso da retórica, embasam - uma parte - do meu lugar de problematização em relação aos discursos de Ernani Sátyro.

A PALAVRA, O TEATRO POLÍTICO E A DITADURA EMPRESARIAL-MILITAR

Portanto, o que me orienta, inicialmente, diante dos discursos³ que estudo é visualizá-los como um jogo de luzes e sombras, isto é, os pronunciamentos ora são feixes de luz sobre aquilo que se quer mostrar, enfatizar e dar proeminência; ora são palavras nas sombras que traduzem um Estado repressivo, de autoridade e do poder que se estabelece no uso da força.

Em seguida, levo em consideração a *teatralidade política* que esses discursos promoviam. Naquele momento o ensaio das palavras procurava criar um eco de legitimidade ao poder hegemônico da *Ditadura Empresarial-Militar* em voga na primeira metade da década de 1970. Por isso, os discursos tomados em enfoque não estão soltos e desarticulados; tecem referências à uma realidade.

Antes de seguir, uma pausa para explicar a forma como enxergo a atuação política de Ernani Sátyro em seus pronunciamentos. Parto da concepção de que este *modus operandi*, esta forma de fazer política baseada na espetacularização, na encenação, está vinculado a um conceito formulado por Edward Palmer Thompson de teatralização política, o qual assevera que trata-se de um

Estilo hegemônico estudado e elaborado, um papel teatral que os poderosos aprendiam na infância e desempenhavam até a morte. E se falamos desse desempenho como teatro, não é para diminuir a sua importância. Uma grande parte da política e da lei é sempre teatro. Uma vez “estabelecido” um sistema social, ele não precisa ser endossado diariamente por exibições de poder (embora pontuações ocasionais de força sejam feitas para definir os limites de tolerância do sistema). O que mais importa é um continuado estilo teatral. (THOMPSON, 1998, p. 48).

³ Ao fazer menção ao termo “discursos”, esclareço que não estou trabalhando com a formulação conceitual de “formação discursiva” inerente a um dos campos epistemológicos da Linguística que foi recepcionada na historiografia na década de 1970, a partir da Viragem Linguística. “Discursos” são tomados aqui como peça retórica que tem como principal objetivo, criar um efeito de convencimento em seus receptores.

Vários termos são importantes nessa passagem. O primeiro, que já ressaltai, é perceber as ações políticas enquanto um “desempenho teatral”. Segundo, porque o exercício do poder depende de uma continuidade nas aparições, tendo em vista que a partir delas, se estabelecem “pontuações ocasionais de força” que tem por objetivo “definir os limites de tolerância do sistema”. Retomo aos dois movimentos ganham relevo em nossa análise: que o “dizer” na política tem uma função de querer enfatizar determinado feito, realização e construção. Ao mesmo tempo, demarca uma postura de poder, apresentando como o Estado ansia em demarcar os limites da sociedade.

Ou seja, é preciso não perder de vista outro aspecto: a construção de “autoridades simbólicas”. Isto é, as cerimônias de inauguração, as gestualidades e os discursos fazem parte de um “lubrificante social dos gestos, podia com bastante facilidade fazer os mecanismos de poder e exploração girarem mais suavemente [...] Por isso, partimos da noção de que a vida política pode ser compreendida pelo exercício de uma série de autoridades simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 49-70).

A constituição da “autoridade simbólica” em torno de Ernani Sátyro ocorria no exercício do poder entremeado por seus vínculos com a classe dominante. E quando menciono o aspecto dominante faço referência à interlocução que o governador possuía com a classe Empresarial-Militar. Esta aproximação ganha notório relevo quando consideramos o conjunto dos discursos presentes no livro que embasa esta análise. Recorrentemente, encontram-se referências ora aos militares, ora às “classes produtoras”. Entram na narrativa como bases de sustentação ao mandato de Ernani Sátyro. Aliás, trata-se de uma característica pertinente não apenas ao governo que analiso, mas consiste em uma marca indissociável no estado de exceção outorgado a partir de 1964.

Retomo a reflexão elaborada por René Armand Dreifuss, presente no livro *1964: A conquista do Estado*, que abriu a possibilidade de enxergar o golpe de 1964 e a consequente continuidade do estado ditatorial a partir da articulação promovida pela elite empresarial, multinacional e associada em consonância com a alta cúpula das Forças Armadas brasileiras, reunindo esforços no Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) no engajamento para uma campanha de desestabilização ao presidente João Goulart, levando termo ao interesse de depor o presidente em exercício. Por

isso, abro este espaço para explicar por que utilizo o termo “Ditadura Empresarial-Militar”, ou também Ditadura Civil-Militar⁴, pois

Um exame mais cuidadoso desses civis indica que a maioria esmagadora dos principais técnicos em cargos burocráticos deveria (em decorrência de suas fortes ligações industriais e bancárias) ser chamada mais precisamente de empresários, ou, na melhor das hipóteses de techno-empresários.” (DREIFUSS, 1981).

ENSAIANDO AS PALAVRAS: É HORA DE ENTRAR EM CENA.

Como já mencionei anteriormente, os discursos que serão analisados constituem um ponto de partida para compreender um movimento maior de poder. Isto é, as palavras não se encerram e se esgotam em si. Por outro lado, tecem sentidos diversos, pois estão na fronteira com outros vínculos. Por isso, tomo as palavras de Ernani Sátyro de seu domínio e busco ultrapassar o plano da aparência retórica para ir ao caminho mais sinuoso das interpretações. Em outros termos, busco tecer uma análise detida nos aspectos internos dos textos, mas sem perder de vista os elos externos que o ligam à realidade.

Essas peças retóricas carregam em si, uma visão de mundo e portanto, tecem representações sobre o que compreendem desse mundo. São ditos de um indivíduo que está em um jogo social contínuo. Assim, um dizer individual está impregnado pelo conjunto das outras vozes que formulam a classe na qual está inserido. Neste sentido, os diálogos com José d’Assunção Barros são profícuos, pois expandem a ideia que estou trabalhando na medida em que

Todo texto é produzido em um lugar, que é definido não apenas por um autor [...], mas principalmente por uma sociedade que o envolve, pelas dimensões desta sociedade que penetram no autor e através dele no texto [...] constroem o autor que escreve o texto, deixando nele suas marcas, a princípio indelévels, mas que devem ser pacientemente decifrados pelos historiadores. (BARROS, 2005, p. 133)

Outro ponto importante a considerar: as reflexões propostas por José d’Assunção Barros, ampliam as possibilidades conceituais que abarcam a interpretação dos discursos. Por exemplo, as noções de *objeto de significação* e *objeto de comunicação*, assim como

⁴ Em relação a este aspecto, reconheço que há uma série de desavenças de ordem historiográfica, no sentido de não haver um consenso sobre a denominação a ser empregada durante o período de 1964 a 1985. Sobre isto, Demian Bezerra de Melo, possui um artigo denominado “O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão” em que problematiza a postura de alguns historiadores, considerando-os revisionistas por atenuar o golpe de 1964 e a formulação de um estado de exceção de ordem ditatorial. O termo que utilizo Ditadura Civil-Militar, localiza a parcela “civil” aos empresários e capitalistas que manejaram o golpe e se apropriaram do Estado político no Brasil; ao passo que encontro respaldo desta nomenclatura para problematizar as fontes que utilizo para este trabalho.

Intratexto, Intertexto e Contexto formulam as lentes que apuram o olhar para os liames que entrecortam as narrativas e que serão operacionalizadas ao longo da problematização das cenas.

Outrossim, considero que os discursos se enredam e se conectam com contexto mais amplo de sua produção. Em outras palavras, os pronunciamentos de Ernani Sátiro estão em um conjunto com outros discursos. Por exemplo, era recorrente na década de 1970, nos momentos das “festas cívicas” os generais-presidentes utilizarem os palcos como trampolim de anúncio e propagandeamento das ações que eram realizadas. É deste mesmo período que se impulsionou as imagens de “Um país que vai pra frente” e que vivia na crista da onda com o “Milagre Econômico”. Era uma época que assistia os esforços dos militares para “reinventar o otimismo”, como parte de um movimento para angariar espaços de legitimidade.

Alargando essa discussão relacionada à propaganda, ao otimismo e às “tipologias das imagens de poder”, Carlos Fico traz estudos importantes que entrecruzam a postura dos generais-presidentes tidos como “sérios, circunspectos, prudentes [e] ponderados [...] que projetariam a imagem [de vigilância que] olhariam tudo a sua volta.” (FICO, 1998, p. 71) e em contrapartida, uma propaganda que construía a ênfase no “fazer”, formulando “lances de marketing [que], obviamente, não têm nada de espontâneo. Tenta[vam] construir em torno do mandatário político uma imagem positiva sempre foi um traço marcante de qualquer propaganda oficial” (FICO, p. 70). Por isso, que as festas cívicas serviam como oportunidade para se contrapor “a uma ansiedade mal definida ante o desencanto ou o pessimismo, surgindo uma espécie de contentamento indisfarçável quando da exacerbação dos sentimentos patrióticos, como em épocas de grandes conquistas no campo esportivo” (FICO, 1998, p 57).

Apontadas essas observações que fornecem bases para o entendimento contextual dos discursos, posso adentrar nas ocasiões em que Ernani Sátiro tomava à frente da baila política e apertava as mãos com o grupo políticos que pertencia: a Ditadura Empresarial-Militar.

ATO I

Era o dia 31 de março de 1973. As comemorações oficiais se voltavam para o 9º aniversário da “Revolução de 1964” bem como para o segundo ano da gestão de Ernani Sátiro à frente do governo do estado. Era um momento oportuno para apresentar o que a dita “Revolução” e Ernani Sátiro faziam pelo Brasil e pela Paraíba. Uma programação havia sido preparada: missa na Igreja São Francisco, culto na Igreja Batista e mais solenidades no

Grupamento de Engenharia. Dentro da festa cívica o momento maior: a inauguração da Escola Polivalente Presidente Médici.

Ernani Sátiro tomou a palavra e iniciou dizendo

Quando o Governo do Estado resolveu dar a esta escola o nome do Presidente Médici, é porque quis apresentar à mocidade um modelo de homem para uma escola modelo. Ninguém mais indicado para, com o seu nome, prestigiar este estabelecimento de ensino (SÁTYRO, 1994, p. 137)⁵

Aliás, não é de estranhar essa propositura de colocar o nome dos “feitos” àqueles que estavam no poder: anos depois, em 1975, os dois estádios paraibanos tinham como iniciativa receber o nome de Ernani Sátiro. O próprio general-presidente Médici recebeu um estádio com seu nome em uma cidade chamada Itabaiana localizada no estado de Alagoas.⁶ Ou seja, percebo de antemão, que a narrativa do governador paraibano nesta oportunidade é tecer loas à Médici (afinal, foi o próprio governo do estado que “resolveu dar a esta escola o nome de Presidente Médici [pelo] modelo de homem”). Salta aos olhos uma pergunta: quem era a audiência de Ernani Sátiro? No curso do pronunciamento dá entender que trata-se de maioria jovens (devido ao termo “mocidade”) que o escutam. Isto é, boa oportunidade para seguir adiante

[Antes da “Revolução”] Era a indisciplina e a falta de hierarquia nos quartéis, nas escolas. na própria vida. Era o comunismo infiltrado no Governo, no Congresso, nas próprias Forças Armadas [...] E eram as Ligas Camponesas, em alguns estados apoiadas pelo próprio Governo, a lançar a desordem, a lançar a subversão e o crime no campo [...] Era o Grupo dos 11. Era a Ação Popular. [...] Era o presidente da república presente a uma assembleia de cerca de dois mil sargentos atacando os seus superiores, desrespeitando a disciplina e a hierarquia e procurando menosprezar os mais puros sentimentos de civismo e patriotismo. Foi contra isso que se ergueram as Forças Armadas. (SÁTYRO, 1994, p.138).

Quando me aproximo da trajetória política de Ernani Sátiro, observando os discursos enquanto Deputado Federal na primeira metade da década de 1960⁷, encontro este mesmo tom de aversão aos movimentos sociais. O cenário que o governador paraibano constrói em sua narrativa é a miragem do caos (“indisciplina”; “falta de hierarquia”; “desordem”; “subversão”; “crime”; “desrespeito”) traduzida em alvos: “o Comunismo”, o “Presidente

⁵ Um adendo explicativo: reproduzirei alguns trechos na íntegra do texto original. É importante ressaltar que na referência aparece o ano de 1994 (ano de lançamento do livro que tomo como fonte), mas estão no conjunto dos discursos pronunciados entre 1971 e 1975).

⁶ Aprofundo essas questões relacionadas à nomenclatura dada aos espaços com os nomes de mandatários da Ditadura, no exercício monográfico que citei na segunda nota de rodapé, na p.1 deste trabalho.

⁷ Idem. p.1

Jango”, as “Ligas Camponesas”, o “Grupo dos 11” e a “Ação Popular”. O governador paraibano margeia um tom odioso, próprio da classe burguesa, que nas décadas de 1960 e 1970, serve como pano de fundo para tecer um lugar de conservadorismo que não poupa esforços para minar qualquer tipo de ação de crítica social. Como disse anteriormente, os discursos constituem uma brecha para captar o lugar de fala de seu emissor. Demarca posições sociais. Aponta para os vínculos de classe. E esta brecha se alarga ao ponto de vir à baila com nitidez: “Foi contra isso [e Ernani Sátyro também participou] que se ergueram as Forças Armadas”.

Com isso, a “Revolução” é introduzida

Revolução, como a própria palavra está a dizer, é o ato de resolver, é o ato de mudar, é o ato de reconstruir, como está reconstruindo o Brasil esta Revolução de 31 de Março de 1964. Nós sustentávamos na tribuna do Congresso, nós sustentávamos nos comícios, no rádio, na televisão, em todas as formas de manifestação do pensamento da propagação da palavra, nós sustentávamos a ideia e o princípio de que era necessário salvar o Brasil do Comunismo. (SÁTYRO, 1994, p. 139)

À esta altura do pronunciamento, a análise caminha pelas sombras do poder que interpelam os limites da exceção que deviam ser seguidos à risca. O anúncio de Ernani Sátyro abole qualquer perspectiva de entendimento com as forças progressistas que estavam no cerne das lutas sociais na década de 1960. Ainda mais, é possível visualizar o discurso de Ernani como um aviso, estabelecendo uma fronteira na contramão dos movimentos sociais que retomavam, à duras penas da repressão, sua força na década de 1970. O governador paraibano alude à campanha conservadora - pormenorizada na obra de Dreifuss - que havia no Brasil às vésperas do golpe de Estado, que perpassava pelos vários setores que a classe dominante abarcava: Congresso, rádio, televisão que desaguavam nos comícios e manifestações.

E como uma espécie de clímax Ernani Sátyro retoma as luzes com que havia iniciado o seu discurso: entra na narrativa Emílio Garrastazu Médici

Surgiu, então, esse homem que é patrono desta escola, que é o Presidente do Brasil, que é hoje o fiel intérprete do movimento revolucionário de 1964 [...] fiel intérprete das melhores aspirações de progresso, de desenvolvimento do povo brasileiro, que se chama Emílio Garrastazu Médici [...] realizando esse milagre, que é o milagre da simplicidade [...], que é o milagre de realizar uma obra de soerguimento econômico e social [...] Garrastazu Médici é um homem que [...] se identifica com a alma popular, como seja nas suas expressões de alegria, de entusiasmo pelo esporte, que é uma das características do povo brasileiro. (SÁTYRO, 1994, p. 139-140).

De “fiel intérprete do movimento revolucionário” à “homem [de] alma popular” Médici é descrito ao avesso da primeira cena construída no discurso. Para Ernani Sátyro, seria

o general-presidente o principal ator (ou seria santo?) que operava o “milagre” brasileiro. Ora, a historiografia recente já derrubou por terra esta máxima do “milagre [...] do soerguimento econômico e social”. Aqui dialogo com Marcos Napolitano na problematização em torno dos aspectos econômicos e sociais dessa época. Contraditoriamente, neste mesmo momento da retórica de Ernani Sátyro, em 1973, ocorria no plano econômico a seguinte peripécia: “Não foi por acaso, os índices oficiais da inflação de 1973, ano de definição na sucessão presidencial, foram manipulados para baixo” (NAPOLITANO, 2014, p. 163).

Por isso, se era possível manipular os números da inflação para espantar o “pessimismo”; por outro lado, não havia como esconder o aspecto social que deteriorava os mais pobres, aumentando o fosso da desigualdade social. E sobre este aspecto retomo um trecho de Napolitano: “Apesar do desenvolvimento inegável e da expansão capitalista, a maior parte da sociedade brasileira não pôde desfrutar dos resultados materiais desse processo de maneira sustentável e equânime” (NAPOLITANO, 2014, p. 147).

Como havia dito anteriormente, seguindo a esteira da crítica platônica aos sofistas, no sentido de acusar estes, por ficarem apenas no plano das aparências, a assertiva do “milagre econômico” promovido pela Ditadura Empresarial-Militar, não passa de uma afirmativa construída no plano das aparências.

Fecham-se as cortinas do Ato I. Sigo para a próxima cena.

ATO II

No dia 11 de Setembro de 1974, Ernani Sátyro recebia uma homenagem das “classes produtoras da Paraíba”. Em agosto do mesmo ano, o governador paraibano era homenageado pela Junta Comercial do Estado da Paraíba. Meses depois dessas duas solenidades, em março de 1975, Ernani Sátyro recebia o título de Sócio Honorário da Associação Comercial de Campina Grande. Quando visualizo esses três discursos em conjunto, relembro das contribuições de René Dreifuss, no sentido de perceber que os políticos conservadores, os militares e o capital - figurado aqui nas grandes empresas - estiveram de mãos dadas no curso dos acontecimentos pré e pós-1964.

Desta vez, a audiência de Ernani Sátyro era seleta: quem lhe ouvia fazia parte das “classes produtoras”, leia-se portanto: os detentores de terra do estado da Paraíba. E quase que formulando um quadro simbólico, na solenidade de agradecimento, o governador paraibano recebia das mãos de Renato Ribeiro Coutinho as homenagens e respondia da seguinte maneira:

Recebo com a maior alegria esta homenagem, ao mesmo tempo, tão simples e tão significativa, de que foi portador, em nome das classes produtoras, meu velho e prezado amigo e colega de colégio, Renato Ribeiro Coutinho [...] meu correligionário de tantos anos [...] Também há poucos dias, ao ser inaugurado o meu retrato na Junta Comercial do Estado, eu relembro o que tem sido a assistência, a ajuda das classes produtoras da Paraíba [...] mas o que não pode desaparecer nunca é a nossa união, é a mesma solidariedade recíproca, a nossa ajuda, para que hoje, e qualquer governador no futuro, cumpra seus deveres perante a Paraíba. (SÁTYRO, 1994. p. 224).

No curso de 1974, tal acontecimento ocorria como uma espécie de acerto de contas com a articulação construída pela gestão de Ernani Sátiro (não apenas) com as “classes produtoras”. Demarcava o trânsito que o governador paraibano teceu ao longo de seu mandato com essas organizações tidas como sinônimo da classe dominante, detentora dos meios de produção e do capital.

Como esta cena se caracteriza mais pelo simbolismo do que pela envergadura que a lhe enreda. Para concluí-la, retomo Marcos Napolitano para demonstrar como o discurso de Ernani Sátiro evoca uma manutenção de poder, que atrelava o Estado ao grande capital.

Em ambos os momentos históricos, antes e depois de 1964, o principal beneficiário do desenvolvimento foi o grande capital nacional, e sobretudo, internacional. A diferença é que a política econômica implementada após o golpe veio provar que entre os dois ramos do capital havia mais complementariedades do que conflitos. (NAPOLITANO, 2014, p.149).

REFERÊNCIAS

BARROS, José d'Assunção. História Política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. In. **Revista Saeculum**, nº12 - jan./jun. 2005. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/oj2/index.pgh/srh/article/view/11320/6434> > Acesso em 21 de Out. 2016.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado**. Ação Política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad.: Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIMA, Luiz da Costa. **Mímesis e modernidade: formas das sombras**. 2ªed. atualizada. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MELO, Demian Bezerra de. O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: **A miséria da historiografia**. Uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Org.: Demian Bezerra de Melo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

ROGUE, Christophe. **Comprender Platão**. Trad.: Jaime Clasen. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SÁTYRO, ERNANI. **Tradição e Renovação (discursos)**. Obras Completas. Patos: Fundação Ernani Sátiro, 1994.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In.: **Cultura e Materialismo**. Trad.: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.